

## COMPREENSÃO MONTANIANA DO MORRER: A VIA ENTRE EXISTIR E PERECER

De onde vimos e para onde nos dirigimos? A vida humana é marcada por inúmeros paradigmas (felicidade versus tristeza, soberba versus desapego, dor versus prazer, amor versus ódio). Encontramos múltiplas teorias que tentam fundamentar e sistematizar uma resposta, porém não existe um consenso entre os filósofos e as religiões quanto à origem e destino da existência humana. Portanto, ainda hoje o ser humano se questiona tanto sobre a sua genealogia quanto o seu fim, e o viés que o atormenta é este: Porque tenho medo da morte?

Na perspectiva de Montaigne[1], a raiz de tal medo está na passagem da vida para a morte. Entretanto alguns elementos fomentam esta resistência contra a própria morte, dentre eles destaca-se: o destino pós-morte, preocupação com os prazeres da vida, processo histórico (tempo, espaço e modo da morte), alcance ou não da felicidade. Para o filósofo, aprender a morrer é fator intrínseco para uma boa morte, no qual é caracterizado por um salto em que damos do viver ao perecer, sem desprezo da vida como ele mesmo nos diz: “Concluo que quanto mais me desprender da vida e me aproximar da morte, tanto mais facilmente me conformarei com a passagem de uma para outra.” (MONTAIGNE, 1980, p. 48).

Embora não seja fácil tomar esta decisão e mesmo que ela apareça ser inconveniente e incoerente para muitos, a morte sempre atormentará o homem tirando-o de seu sono. Como probabilidade de saída encontrada para o sentimento de medo que ela nos incute, segundo Vaz (2008, p. 7), a obra *Os Ensaios* propõe duas estratégias opostas entre si para tal embate: “na primeira delas, há uma valorização do método de constante simulação mental da própria morte e, na segunda, Montaigne descredita a simulação da morte e propõe uma confiança na predisposição natural a não temer a morte e o morrer”.

Na primeira estratégia de dissipação do temor causado pela morte, nota-se a preocupação de se imaginar, simular a própria morte sob suas circunstâncias e causas, ou seja, um método que proporcionará um domínio sobre si mesmo diante do sofrimento preparando o indivíduo internamente para o encontro com a morte. Quanto à segunda estratégia que descredita a simulação da morte e pressupõe uma predisposição natural em não temer a morte, tenta estabelecer um ponto mediano entre a negação ou privação da morte e a simulação contínua do morrer, acentuando a morte ao acaso: “[...] a afirmação da predisposição à morte nos conduz à metáfora da viagem sem rumo, tortuosa, guiada pelas belezas da paisagem, como caminhos da floresta.” (VAZ, 2008, p. 51).

Acrescentamos a este pensamento, que todo ser naturalmente apresenta medo, angústia, desespero por sua ruína e, sobretudo, pelo tempo de aproveitamento da vida enquanto a morte não o atemoriza. Logo, a principal preocupação das pessoas no processo anterior a morte diz respeito à felicidade: Será que eu sou feliz nesta vida? Montaigne nos alerta sobre isso dizendo: “**Em relação à morte, viver pouco ou muito é a mesma coisa, pois nada é longo ou curto quando deixa de existir.**” (MONTAIGNE, 1980, p. 49). Destarte, a felicidade ou o seu contrário não se abarca na durabilidade de nossa vida, mas sim no que usufruímos e fazemos dela: o bem ou mal. Quanto a este assunto, somente depois da morte poderemos julgar se de fato fomos felizes ou infelizes em vida.

Em suma, filosofar é aprender a morrer na medida em que se vive a virtude, sendo esta a via entre a existência e o perecer, o fim último da história. Embora a virtude apresente como grande benefício o desprezo pela morte, ela não extingue a possibilidade de pensar sobre esta. Portanto, a vida virtuosa é o ponto de intersecção entre uma existência temerária, amedrontada, no entanto quieta e à espera de seu término inadiável. Encontrar-se com a própria morte é desvelar as máscaras e caricaturas que introjetamos em nossa mente a respeito do morrer, como diz Montaigne: “**Arranquemos as máscaras às coisas como às pessoas e por baixo veremos muito simplesmente a morte.**” (MONTAIGNE, 1980, p. 51).

### Referências

MONTAIGNE, Michel. *Ensaios*. Tradução de Sérgio Milliet. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1980. (Os Pensadores)

VAZ, Lúcio. *Da simulação da morte: versão e aversão em Montaigne*. 2008. 113 f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2007.

[1] Nasceu em 1533 no Castelo de Montaigne e morreu em 1592. Cético e conservador, escreveu *Os Ensaios*, obra esta publicada em 1580 (livro I e II) e 1588 (livro III).

[2] Quanto à discussão sobre o problema da imortalidade da alma, vale ressaltar que fora assunto de debate para o autor, todavia não abordaremos. Cf. MONTAIGNE, Michel. *Apologia de Raymond Sebond*. Ensaios. 2ª ed. São Paulo: Abril Cultural, 1980. p. 204-279.

### QUESTÕES:

**PENSAR NA MORTE PODE NOS AJUDAR A VIVER MELHOR?**

**O QUE SIGNIFICA A MORTE PARA VOCÊ?**

**DIANTE DO TEXTO, VOCÊ TEM MEDO DA MORTE?**

**Autor: Daniel Júnior dos Santos**

Sacerdote católico Graduado em Filosofia e Teologia

Edição e diagramação: alunos do 1º período da Graduação em Filosofia da Faculdade Dom Luciano Mendes Projeto Extensionista I